

PANORAMA DO MERCADO INTERNACIONAL DE FEIJÕES: ANÁLISE DOS PRINCIPAIS *PLAYERS* MUNDIAIS COM A COMPETITIVIDADE DO SETOR DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRA

Paulo Roberto Vieira de Almeida⁽¹⁾, Alcido Elenor Wander⁽²⁾, Reginaldo Santana Figueiredo⁽³⁾.

Resumo – O mercado internacional de feijões é marcado por um ambiente competitivo, o Brasil apesar do enorme potencial produtivo tem baixa expressão em exportação desse grão e o principal fator é a predominância de produção de feijão do grupo comercial carioca enquanto grande parte dos países importadores consomem outros tipos de grãos. Existem mercados internacionais que podem ser atendidos pelo Brasil, entretanto, a estrutura nacional de produção desse grão é voltada para o mercado interno. Diante disso, este artigo objetivou fazer um panorama do mercado internacional de feijões e analisar a competitividade do setor de exportação da cadeia exportadora de feijões brasileira. Em termos metodológicos, fez-se uso para análise da competitividade o *Commodity System Approach* – CSA, os dados primários foram obtidos diretamente com agentes estratégicos da cadeia. Os resultados demonstram as questões macroeconômicas influenciaram negativamente o fator ambiente institucional no setor de exportação, a concorrências, o câmbio, foram os fatores de maior impacto. As questões sanitárias e fitossanitárias possuem abordagem muito relacionada à análise de risco considerando produto, origem, quantidade e avaliação de equivalência de sistemas sanitários, sendo esses fatores não controláveis pela firma. Esse subfator apresentou resultados negativos.

Palavras chave: Commodity System Approach, Feijões exportáveis, Competitividade.

¹ Administrador, Mestre em Agronegócios, Doutorando em Engenharia de Transportes, Pesquisador da Universidade de Brasília (paulorvalmeida@gmail.com).

² Agrônomo, Doutor em Ciências Agrárias, Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (alcido.wander@embrapa.br).

³ Engenheiro de Materiais, Doutor em Modelagem e Simulação, Professor da Universidade Federal de Goiás (emaildesantana@gmail.com).

**OVERVIEW OF THE INTERNATIONAL MARKET DRY BEANS:
ANALYSIS OF THE MAIN PLAYERS WORLDWIDE WITH BRAZILIAN
EXPORTS SECTOR COMPETITIVENESS**

Abstract - The international market beans is marked by a competitive environment, the Brazil despite the enormous productive potential has low expression in export of grain and the main factor is the bean production predominance of carioca commercial group while much of importing countries consume other grain types. There are international markets that can be served by Brazil, however, the national structure of the beans is geared to the domestic market. Therefore, this article aimed to make an overview of the international market beans and analyze the competitiveness of the export sector of the chain of Brazilian beans. In terms of methodology, there was use for analysis of competitiveness Commodity System Approach - CSA, primary data were obtained directly from strategic chain agents. The results demonstrate macroeconomic issues negatively influence the institutional environment factor in the export sector, the competitions, the exchange had the highest impact factors. Sanitary and phytosanitary issues have much related to risk assessment approach considering product, origin, quantity and assessment of equivalence of health systems, and these factors are not controllable by the firm. This sub-factor was negative.

Key-words: Commodity System Approach, Exportable beans, Competitiveness.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos de competitividade de cadeias agroindustriais no Brasil estão se tornando cada vez mais comuns. Não somente por ser uma necessidade, mas também impulsionados por questões econômicas, aumento de competitividade da cadeia, foco no meio ambiente, e para identificar os problemas.

É sabido que o feijão é um importante componente na dieta do brasileiro e de diversos países pelo globo. Pode-se dizer que é um alimento tipicamente brasileiro, por estar largamente presente no hábito da população, sendo além de uma fonte energética uma importante fonte proteica.

O Brasil, apesar do enorme potencial produtivo, tem uma baixa expressão em exportação desse grão e o principal fator é a predominância de produção de feijão do grupo comercial carioca, enquanto grande parte dos países importadores consomem outros tipos de grãos, chamados na literatura como feijões especiais. Além disso, o país apresenta problemas de autossuficiência em determinados períodos, com grandes oscilações de preços tanto para produtor quando para o consumidor.

As potencialidades da cadeia de exportação de feijões estão vinculadas à capacidade de a cadeia ocupar parcelas de mercados alternativos, inclusive aumentando a participação no mercado brasileiro. O desempenho econômico dos agentes da cadeia em questão seria comprometido pelo ambiente institucional (condições macroeconômicas, políticas públicas, comércio internacional), tecnologia (rendimento médio, difusão de tecnologias-chave), estrutura de mercado e governança (nível de concentração, capacidade de produção), gestão de firmas (difusão de ferramentas de gestão) e insumos, infraestrutura logística e armazenagem (produção interna dos principais insumos, importação de insumos).

Foi adotado, para análise da competitividade potencial do setor de exportação, o enfoque sistêmico do *Commodity System Approach* (CSA), fazendo uso de direcionadores e indicadores de competitividade e como eles atuam de maneira sistêmica. Essa proposta metodológica basicamente faz uso dos fatores (direcionadores e indicadores) e como eles afetam positivamente ou negativamente uma cadeia produtiva originando uma determinada condição de competitividade.

Essa pesquisa tratou de analisar a competitividade potencial do setor de exportação da cadeia exportadora de feijões brasileira por meio de indicadores de competitividade específicos, além de analisar o panorama internacional do mercado de feijões.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Origem e domesticação do feijão comum

De acordo com Geps & Debouck (1991) no período dos últimos 8000 anos, o feijão comum (*Phaseolus vulgaris*) evoluiu de uma simples vinha selvagem da América Central e Andes, para se tornar uma das mais importantes leguminosas produzidas e consumidas no mundo, essa evolução vem acompanhada por diversas mudanças decorridas principalmente do processo de domesticação, mutação, seleção, migração das zonas produtoras.

No final do século dezenove os cientistas definiram, baseando-se em observações arqueológicas, botânicas e históricas no Peru e no sul dos Estados Unidos, que o feijão comum tinha origem no Novo Mundo, contrariando a crença de sua origem asiática até então definida (GEPS & DEBOUCK, 1991).

Segundo Molins Frabrega (1956) *apud* Geps & Debouck (1991, p.15), um texto espanhol de 1553, chamado de Códice Mendocino mencionava a presença de feijão comum nas Américas. O manuscrito relatava tributos da cidade do último imperador asteca Moctezuma Xocoyotzin II, o qual recebia aproximadamente 5000 toneladas de feijão todos os anos.

Wittmack (1880) *apud* Geps & Debouck (1991, p.20) apresenta evidências arqueológicas da presença de feijão comum nos Andes, na América Central e América do Norte.

Depois da domesticação o feijão comum foi introduzido em outras regiões do mundo. Por exemplo, cultivares da América Central são predominantemente encontradas no Brasil e no sudoeste dos Estados Unidos, enquanto que as cultivares andinas são predominantes na Europa e nordeste dos Estados Unidos.

Na região da América Central as cultivares predominantes eram de feijões de menor tamanho (calibre), enquanto na região Andina tinha-se uma grande presença de feijões de calibre maior. Voysest (1991) observa que existem grandes semelhanças de certas cultivares de feijão comum encontradas na América Central com cultivares encontradas na Colômbia, Venezuela, Brasil.

As cultivares de origem na América Central podem ter sido introduzidas no Brasil por uma rota apontada na literatura, que sugere que as cultivares foram trazidas do México ou Guatemala sendo levadas a Colômbia e Venezuela e eventualmente ao Brasil. As cultivares de feijão comum encontradas na África podem ter sido introduzidas diretamente dos Andes,

passando pela região sul do Brasil, indiretamente pela península Ibérica, ou ocorreu no período colonial pela Europa Ocidental (GEPS & DEBOUCK, 1991).

Basicamente, as cultivares de feijão comum que se têm atualmente resultam de vários locais de domesticação das Américas, sendo dois os centros principais, a América Central e o Sul dos Andes.

2.2. Espécies de feijão e as classes comerciais

O feijão comum não é a única espécie de feijão existente, logicamente outras espécies com características diferentes (forma, tamanho, sabor etc.) existem e são consumidas em diversas regiões do mundo, muitas vezes com preparos culinários diferentes. Outras espécies conhecidas também cultivadas no Brasil são: *Phaseolus vulgaris*, *Vigna sinensis* (caupi), *Phaseolus lunatus* (feijão-fava), *Phaseolus acutifolius* (feijão-tepari) e *Phaseolus angularis* (feijão-adzuki), em outros países tem-se também: *Phaseolus aconitifolius*, *Phaseolus mungo*, *Phaseolus coccineus*, e são de origem asiática em sua maioria (VIEIRA, 1978).

Alguns feijões pertencentes a outras espécies são confundidos com o feijão comum, o que causa algumas dificuldades. No Brasil, por exemplo, alguns dados estatísticos levantados não diferenciam quais são os feijões a que se referem considerando os diversos tipos de feijão como iguais, e isso afeta a leitura e análise dos dados causando distorções quando se quer observar um tipo específico de feijão.

Desde 1978 Vieira (1978) apontava para dificuldade na classificação dos tipos comerciais. No Brasil a denominação popular e regional provoca confusão, algumas vezes classificadas pela cor, e em outras pelo tamanho do grão. Essa dificuldade também acontece de um país para outro, segundo Schneider (2002) as informações não são realmente claras quando se trata de feijões e as espécies conhecidas, existem nomes usuais que cada país adota para o feijão. O *Phaseolus* e *Vigna* spp. muitas vezes são considerados os mesmos em algumas base de dados. O feijão-fava é chamado na Inglaterra de *faba beans* e também de *broad beans*, outras vezes é chamado somente de *beans* por ingleses nativos. Também não existe uma clareza nos limites entre os mercados de feijão em grãos seco (*dry*) e o feijão fresco em vagem (*fresh bean*).

A Tabela 1 apresenta uma classificação comercial de feijões especiais e algumas de suas características.

TABELA 1 – Classificação comercial de feijões especiais e suas características.

Grupo	Classe comercial	Características do grão
Branco	Alubia	Branco lustroso, alongado, cilindro, extremidade aguda.
Branco	White Kidney	Forma de rim, grande
Branco	Navy	Esférico, cutícula lisa e fina, muito pequena
Creme	Cranberry	Ovóide alargado, grande
Creme	Sugar bean	Ovóide alargado, grande
Creme	Pinto	Ovóide aplanado, mediano, jaspeado
Amarelo	Mantequilla	Amarelo forma de rim
Rosado	Light Red Kidney	Rosada em forma de rim, grande.
Roxo	Dark Red Kidney	Roxo escuro, grande em forma de rim.
Roxo	Nima ou Calima (Red Pinto).	Roxo com pinta creme, forma cilíndrica.
Preto	Preto ou Black Turtle	Semi-brilhante e fosco.

Fonte: Adaptado de Thung *et al.* (2008).

Conforme a Tabela 1 nota-se que a classificação dos feijões especiais é feita por grupo de acordo com a cor do grão, como já citado a definição de classes varia de país para país. A classificação adotada no Brasil para classes e grupo é diferente, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – MAPA estabelece um regulamento técnico do feijão, o qual define o padrão oficial de classificação do grão no Brasil.

O feijão é classificado no Brasil segundo a instrução normativa número 12 em grupos e classes. De acordo com a espécie o feijão é classificado em dois grupos denominados grupo I e grupo II.

O grupo I é composto pelo feijão comum e o grupo II pelo feijão Caupi (feijão-de-corda ou feijão-macassar). De acordo com a coloração da película do grão o feijão é classificado em quatro classes, podendo ser branco, preto, cores e quando o produto (os grãos) não atende a nenhuma das classes anteriores é classificado como misturado.

3. METODOLOGIA

A literatura apresenta diversas metodologias para análise de competitividade de cadeias, neste trabalho a metodologia de pesquisa utilizada teve o enfoque sistêmico do *Commodity System Approach - CSA*.

A estrutura metodológica da presente pesquisa foi composta por cinco etapas: 1) escolha da proposta metodológica de Van Duren *et al.* (1991) para análise da competitividade;

2) caracterização de uma cadeia exportadora de feijão; 3) foi elaborado o direcionador insumos da produção e subfatores de competitividade e atribuição de um grau de controlabilidade; 4) identificação dos agentes-chave e elaboração dos roteiros de entrevistas; 5) análise quantitativa dos indicadores e subfatores no modelo escalar (variação de -2 quando há existência de impedimentos a sustentação da condição de competitividade e +2 quando a condição é favorável a competitividade, conforme escala de likert).

Os entrevistados avaliaram os indicadores e subfatores utilizando essa escala e também atribuíram pesos (atribuíram para cada fator dentro do direcionador um peso de 0 a 100, que totaliza 100 por cento no direcionador) que representam o grau de influência de cada fator dentro do direcionador.

Foi atribuído a controlabilidade de cada subfator, se são controláveis pela firma (CF), se são controláveis pelo governo (CG), quase controláveis (QC) ou se são incontroláveis (I), conforme é indicado na proposta metodológica de Van Duren et al. (1991).

Os pesos, como supracitado, foram estabelecidos pelos entrevistados, esses pesos variam entre 0 a 100 por cento, e representam o quanto cada subfator interfere dentro do indicador sob a perspectiva do entrevistado.

A avaliação dos subfatores ocorreu através de um escala likert em que para uma avaliação muito desfavorável à condição de competitividade (MD) atribuiu-se -2, para avaliações desfavoráveis (D) atribuiu-se -1, quando a avaliação do subfator foi neutra (N) atribuiu-se 0, quando favorável (F) 1 e para muito favorável (MF) 2.

Utilizando as médias das respostas obtidas, na quantificação fez-se a multiplicação dos pesos pelas avaliações dividindo por 100, a soma dos resultados de todos os subfatores representa a condição dos indicadores estudados.

O setor de exportações de feijões foi formado pelos seguintes direcionadores: Níveis das relações de mercado, gestão dos negócios e ambiente institucional.

3.1. Coleta de Dados e Utilização de Instrumentos

Como a cadeia de exportação de feijão no Brasil ainda é incipiente, ou seja, existem poucos produtores e exportadores, tratamos a competitividade nesta pesquisa como competitividade potencial. Sendo assim, o tipo de amostragem utilizada foi a intencional, não probabilística, em que a amostra é escolhida intencionalmente pelo pesquisador, o qual se dirige intencionalmente a grupos de elementos dos quais deseja saber a opinião (MARCONI & LAKATOS, 1996; OLIVEIRA, 2001).

Fez-se uso do método de pesquisa rápida (*rapid assessment* ou *quick appraisal*). Este enfoque é caracterizado por três pontos principais: maximização da utilização de informações vindas de fontes secundárias, condução de entrevistas semiestruturadas com elementos-chave da cadeia estudada, observação direta dos vários elos da cadeia agroindustrial em análise. Este método de pesquisa associado ao referencial conceitual sistêmico tem orientado diversos estudos de sistemas agroalimentares em diversos países em desenvolvimento (MORRIS, 1995; HOLTZMAN et al., 1993 apud BATALHA & SOUZA FILHO, 2009, p.18).

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com agentes-chave da cadeia de exportação de feijões e observação direta dos vários elos da cadeia. A elaboração dos roteiros de entrevistas foi feita segundo o perfil do entrevistado e segmento da cadeia agroindustrial onde está inserido (fornecedores, produtores, técnicos, pesquisadores e empresas exportadoras (*traders*)).

Após a obtenção dos dados fez-se a média ponderada das respostas tanto para os pesos atribuídos quanto para a avaliação do indicador, obtendo os resultados apresentados na tabela 1.

Os dados secundários foram obtidos junto a entidades públicas e privadas como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Banco Nacional do Desenvolvimento – BNDES, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA (Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão), Companhia Nacional do Abastecimento – CONAB, *Food and Agriculture Organization of the United Nations* – FAO, Cooperativas, Associações etc.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Panorama geral do mercado internacional de feijões: países produtores e exportadores 2004 – 2008.

Em termos de quantidade produzida os maiores produtores de feijão do mundo são Brasil, Índia, Myanmar, China e Estados Unidos da América (Tabela 2). O Brasil vive em constante disputa com a Índia pelo primeiro lugar no ranking de maior produtor mundial, entretanto, tanto o Brasil quanto a Índia não se encontram entre os grandes exportadores de feijão, no caso do Brasil isso acontece principalmente pelo fato de que a produção nacional é predominantemente de feijão tipo carioca, que é um tipo de feijão não exportável, além disso, tem-se um consumo muito grande desse tipo feijão no mercado interno brasileiro e uma tradição de produção focada unicamente no mercado interno.

TABELA 2 – Ranking dos maiores produtores mundiais de feijão

Rank	2004	2005	2006	2007	2008
1º	Brazil	Brazil	Brazil	India	Brazil
2º	India	India	India	Brazil	India
3º	Myanmar	Myanmar	Myanmar	Myanmar	Myanmar
4º	China	China	China	China	China
5º	Mexico	EUA	Mexico	EUA	EUA
6º	EUA	Mexico	EUA	Mexico	Mexico
7º	Tanzania	Tanzania	Tanzania	Tanzania	Tanzania
8º	Uganda	Uganda	Kenya	Uganda	Uganda
9º	Indonesia	Kenya	Uganda	Kenya	Argentina
10º	Democratic People's Republic of Korea	Indonesia	Canada	Rwanda	Indonesia

Fonte: Adaptado da FAO (2011b)

Os maiores exportadores de feijão no período de 2004-2008 foram China, Myanmar, Estados Unidos da América, Canadá e Argentina. China e Myanmar revezam na posição de maior exportador mundial em alguns anos, no ano de 2008 (último dado disponibilizado pela FAO) China e Myanmar foram responsáveis por 51,9% das exportações mundiais, totalizando cerca de 1.8 milhões de toneladas. Fazendo uma média das exportações dos cinco maiores países exportadores no período de 2004-2008, percebe-se que os cinco maiores exportadores foram responsáveis 84,3% do total exportado totalizando 2.6 milhões de toneladas (Tabela 3).

TABELA 03 – Participação percentual nas exportações de feijão dos maiores países exportadores.

Países	2004	2005	2006	2007	2008	Média	Part. (%)
Myanmar	873200	630000	1150000	1370000	675000	939640	30,5
China	713496	795429	747567	794740	959823	802211	26,0
EUA	316322	272354	354827	309331	415321	333631	10,8
Canadá	316322	271135	309892	325171	293595	303223	9,8
Argentina	167793	199499	226479	280905	229199	220775	7,2
Mundo	2830704	2579473	3179251	3678354	3149205	3083397,4	84,3

Fonte: Adaptado da FAO (2011c).

Os Estados Unidos exportaram cerca de 30 por cento do feijão produzido em 2009, os tipos de feijões que mais são exportados são (em ordem) *pinto*, *black e navy* (DAERS, 2009). A produção ocorre em pelo menos quarenta Estados, sendo dezoito com produção em escala comercial. Dakota do Norte foi o maior produtor do país, seguido por Michigan, Nebraska e Minnesota, esses quatro Estados foram responsáveis por 69% do total produzido no país em 2010.

A produção nos Estados Unidos é composta por diversos tipos diferentes de feijão, inclui o *pinto beans*, *navy*, *black*, *great northern*, *red kidney*, *lima* e *blackeye*. Segundo o *Unated States Departement of Agriculture – USDA Economic Research Service – ERS* (2010) foram plantados nos Estados Unidos 10.3 milhões de hectares de *pinto beans*, 4.5 milhões de hectares de *navy*, 2.9 milhões de hectares de *black* e 2 milhões de hectares de *red kidney beans*.

A Figura 1 apresenta os principais destinos do feijão exportado pelos Estados Unidos.

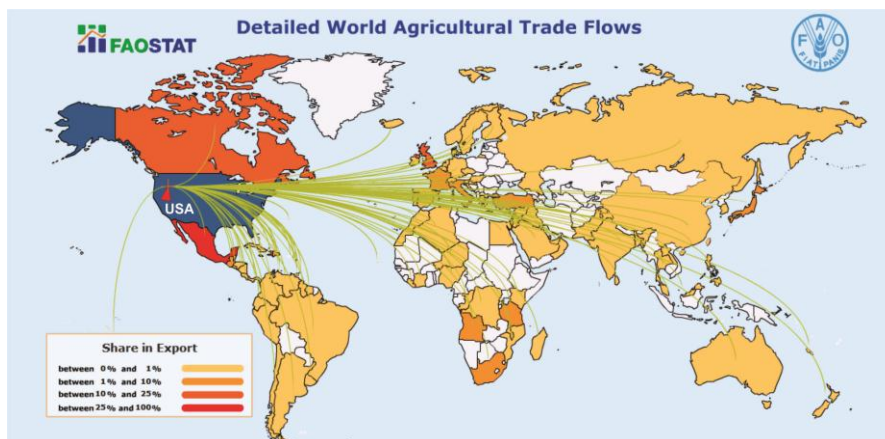


Figura 1 – Principais destinos dos feijões exportados pelos Estados Unidos no ano de 2008. Fonte: FAO (2011).

Os principais destinos dos feijões americanos são os países de fronteira, México e Canadá, e na Europa o Reino Unido. A partir de 2007 ocorreu um aumento significativo nas exportações para alguns países, no México foi de 41% (principalmente *black* e *pinto beans*), para o Canadá e Reino Unido o volume exportado aumentou 115 % e 100% respectivamente (*navy beans* sendo a classe principal exportada) (Agriculture Marketing Resource Center – AGMRC, 2011).

4.2. Panorama geral do mercado internacional de feijões: Países consumidores e importadores

Em termos de consumo per capita, como supracitado, é notória a diferença de consumo entre o Brasil e os demais países. Entre 1998-2007 o consumo mundial médio anual ficou no patamar de 14,3 milhões de toneladas, tendo um aumento de 21,9%, com destaque a Oceania que teve um aumento de 198,3%, Ásia (31,5%), África (22,7%), América do Sul (17,7%), Américas do Norte e Central (1,5%), já o continente Europeu teve uma redução de

consumo de 8,1%.

Os maiores importadores de feijão no triênio 2006-2008 são apresentados na Tabela 4, a média de importação neste período foi de 2,14 milhões de toneladas e tendo como o maior importador de feijão a Índia sendo responsável por cerca de 26,7%.

TABELA 4 – Maiores importadores de feijão no triênio 2006-2008

2006			2007			2008		
Rank	Países	Quantidade toneladas	Rank	Países	Quantidade toneladas	Rank	Países	Quantidade toneladas
1	Índia	620.527	1	Índia	486159	1	Índia	604518
2	EUA	152.424	2	EUA	171151	2	Brasil	209690
3	Cuba	138.700	3	Cuba	132400	3	EUA	166783
4	México	131.727	4	Reino Unido	122920	4	Reino Unido	148055
5	Reino Unido	124.429	5	Japão	122838	5	Japão	119113
6	Japão	119.567	6	Venezuela	109738	6	Itália	109875
7	Itália	106.836	7	Itália	104908	7	China	103602
8	Venezuela	72.244	8	Brasil	96269	8	México	95038
9	Pakistão	72.046	9	Kenya	93116	9	Cuba	70869
10	Brasil	70.064	10	México	91712	10	África do Sul	70040

Fonte: FAO (2010)

Apesar de o Brasil ser um grande produtor de feijão, o País sempre esteve entre os grandes importadores de feijão, durante os anos de 80 e 90 (WANDER, 2005) (Tabela 5). Nos últimos seis anos, as importações foram regularmente, em torno de 97 mil toneladas por ano. De acordo com Wander *et al.* (2007) a produção mundial de feijão aumentou nos últimos anos e, os principais países produtores continuam os mesmos.

TABELA 5 – Volume importado de feijões (*Phaseolus* e *Vigna*) em 1996 e 2006, volume médio de importações entre 1996 e 2006 e percentual de crescimento ou decréscimo de importações em 2006 comparado com 1996 por país.

Países	Volume (ton) 1996	Volume (ton) 2006	Volume médio (ton) (1996-2006)	Taxa de crescimento de importações em 2006 comparado com 1996 (%)
Mundo	1 748 865	2 842 395	2 323 635	
Índia	70 184	620 527	224 461	784,14
Japão	127 969	119 567	131 783	-6,57
Reino Unido	131 116	124 429	121 297	-5,10
Estados Unidos	50 182	152 424	112 704	203,74
México	130 780	131 727	111 661	0,72
Cuba		138 857	109 790	sem dados em 1996
Brasil	82 413	70 064	108 186	-14,98

Itália	80 329	106 836	92 145	33,00
Venezuela	54 664	72 244	71 484	32,16
Paquistão	64 370	72 046	62 966	11,92
Espanha	58 055	58 399	54 747	0,59
França	52 670	46 964	53 919	-10,83
Argélia	150 083	42 556	53 003	-71,65
Holanda	47 808	34 288	52 301	-28,28
África do Sul	38 654	69 264	50 879	79,19
Coréia do Sul	47 194	46 550	48 863	-1,36
China	54 935	50 554	43 685	-7,97
Malásia	52 932	43 114	43 149	-18,55
Filipinas	36 024	34 230	42 827	-4,98
Iraque		837	34 502	sem dados em 1996
Portugal	24 594	41 627	33 371	69,26

Fonte: FAO (2007)

Wander *et al.* (2007) esclarecem que nos últimos anos existe uma tendência crescente do percentual da produção sendo exportado pelos países produtores, e que a quantidade exportada cresceu mais que a produção. Porém os autores também enfatizam que mesmo ocorrendo essa ascendência do comércio internacional de feijão, o volume comercializado internacionalmente representa menos e 1/5 do volume produzido pelos países.

Neste cenário o Brasil apresenta problemas como de autosuficiência, as exportações de feijão se encontram abaixo das 20 mil toneladas, enquanto as importações já ultrapassaram as 90 mil toneladas (FAO, 2007). Essa baixa participação nas exportações do feijão brasileiro nos grandes mercados ocorre também pelo fato de que nestes mercados se consomem determinados tipos de feijões que o Brasil não tem tradição de produzir. Outro problema na cadeia produtiva do feijão se ao fato da industrialização ser ainda incipiente, conseqüentemente, isso significa que qualquer variação na oferta ocasiona grandes variações nos preços, o que gera certa insegurança à produção. Thung *et al.* (2007) ressaltam que as oscilações constantes no preço da saca de feijão além causarem incertezas aos agricultores, provoca também oscilações de preços para o consumidor final.

4.3. Mercados específicos de feijões

França

Segundo Schneider (2002) apud Chaves (2010, p.20) o mercado francês basicamente depende de importação para seu abastecimento pelo fato de não ter uma expressiva produção doméstica, cerca de 70% do mercado é dominado por duas companhias empacotadoras e três indústrias de enlatados.

A forma de aquisição de feijão na França é predominantemente a compra de enlatados (95,71%), o feijão branco domina o mercado com um volume comercializado de cerca de 57 mil toneladas, outro feijão também consumido lá são os vermelhos com consumo de aproximadamente 7 mil toneladas, para ambos os feijões tem-se consumo do grão e enlatados. Uma mistura de feijões brancos com outros alimentos chamada de cassoulet representa 65,51% do que é consumido no país (SCHNEIDER, 2002, apud CHAVES, 2010, p.20).

A Figura 2 apresenta os fluxos de importação da França no ano de 2008, mostrando de quais países a França adquiriu feijões, considerando somente feijão na forma de grão (*dry beans*).

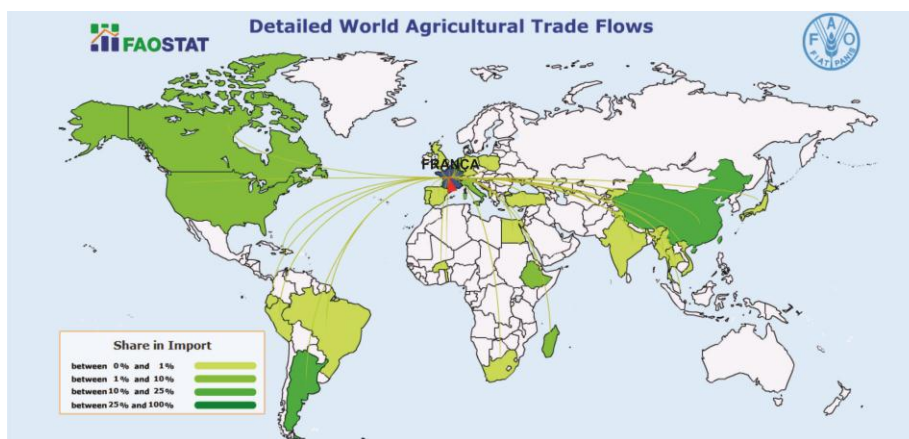


Figura 2 – Principais fornecedores de feijão da França no ano de 2008.
Fonte: FAO (2011).

Reino Unido

Como já mencionado o Reino Unido está entre os maiores importadores de feijão, é apontado como um mercado promissor já que o consumo vem aumentando nos últimos anos, em 2005 as importações do Reino Unido foram de 114.528 toneladas já em 2008 alcançou as 148.055 toneladas um aumento de 22,64% (FAO, 2011c). De acordo com Schneider (2002) apud Chaves (2010, p.21) 52% do mercado inglês de feijão é composto pelo *Phaseolus* e 63% pelos feijões Navy.

Entre os principais países que exportam para o Reino Unido estão Canadá, Estados Unidos e China outros países também exportam quantidades menores por oferecerem um preço mais baixo (Figura 3).

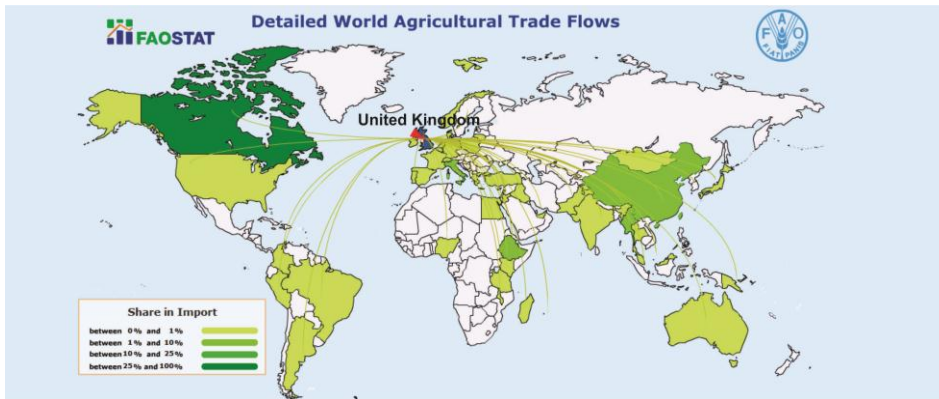


Figura 3 – Principais fornecedores de feijão do Reino Unido no ano de 2008.
Fonte: FAO (2011).

Itália

De acordo com Chaves (2010) o mercado italiano absorve feijões do tipo branco grande, brancos pequenos, caupi de olho preto e rajado. Esses feijões são chamados de *bianchi de spagna* (branco grande), *cannellini* (brancos pequenos) e *barlotti* (rajado). No ano de 2008 a Itália importou principalmente da Argentina, Canadá e China desses três países as importações chegaram ao patamar de 95.223 toneladas (Figura 4).

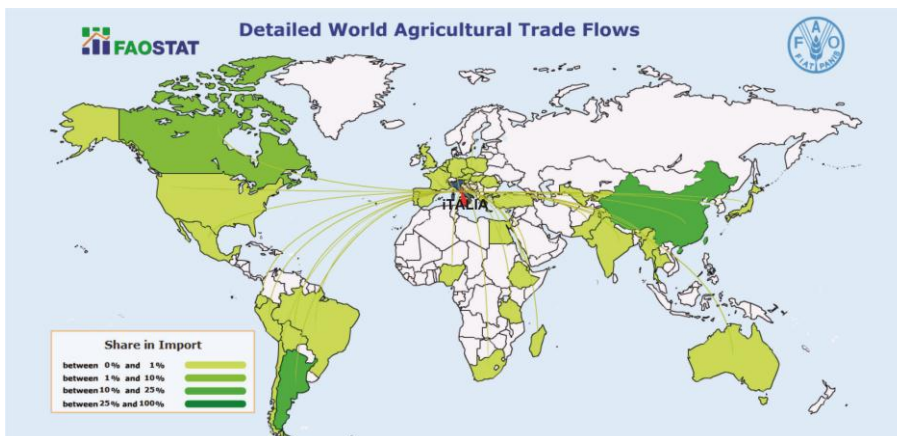


Figura 4 – Principais fornecedores de feijão da Itália no ano de 2008.
Fonte: FAO (2011).

Ainda segundo Chaves (2010) 53% de todo feijão vai para indústria de enlatamento, 45% são congelados e 2% comercializados frescos.

Índia

O consumo indiano é basicamente de feijão tipo caupi, grande parte das importações da Índia são provenientes de Myanmar, a China também fornece em menor escala. No ano de 2008 o volume importado desses dois países foi respectivamente 527.095 toneladas e 47.846

toneladas, outros países também são fornecedores da Índia mas em uma escala bem menor conforme Figura 5.

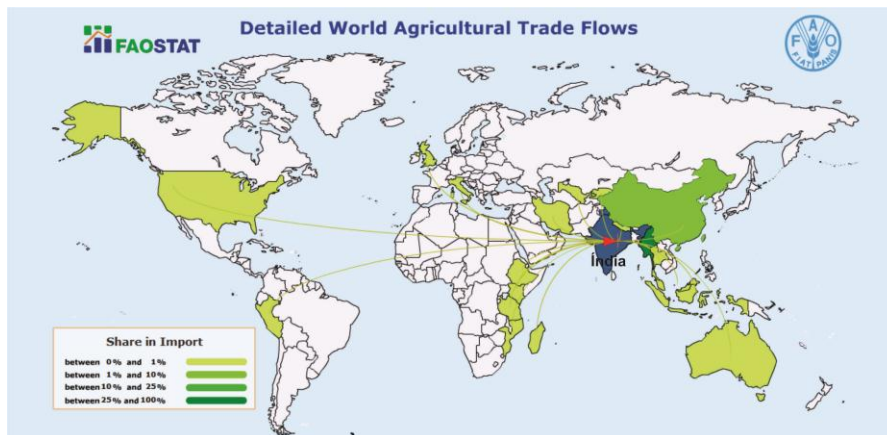


Figura 5 – Principais fornecedores de feijão da Índia no ano de 2008.
Fonte: FAO (2011).

Estados Unidos

Os Estados Unidos como produtor, é um dos maiores do mundo, mas mesmo sendo um dos grandes produtores mundiais de feijão, o país é um grande importador, as importações vem aumentando nos últimos anos para certos tipos de feijões (Figura 6).

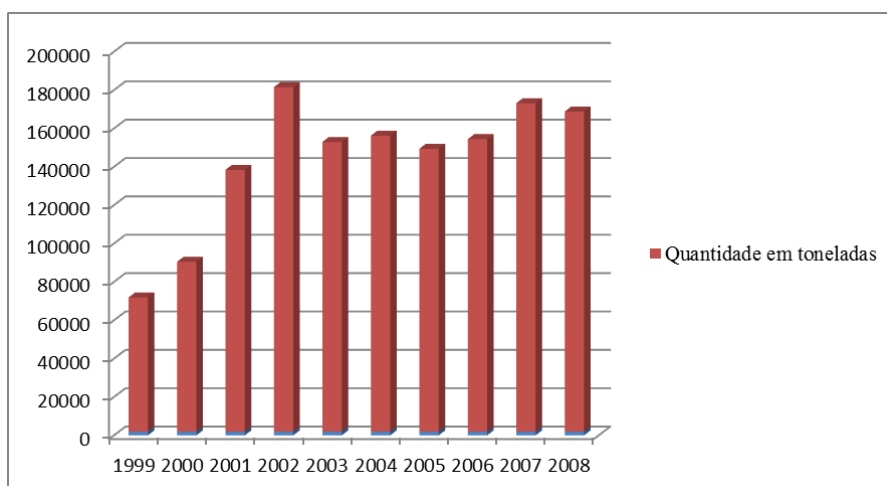


Figura 6 – Evolução das importações em toneladas dos Estados Unidos de 1999-2008
Fonte: FAO (2011)

Grande parte das importações dos Estados Unidos é de origem dos países de fronteira, México e Canadá, aproximadamente 18 mil toneladas foram importadas de *red kidney* e cerca de 20 mil toneladas de *navy* (ERS, 2009), os maiores fornecedores em 2008 foram respectivamente Canadá, China e México (Figura 7).

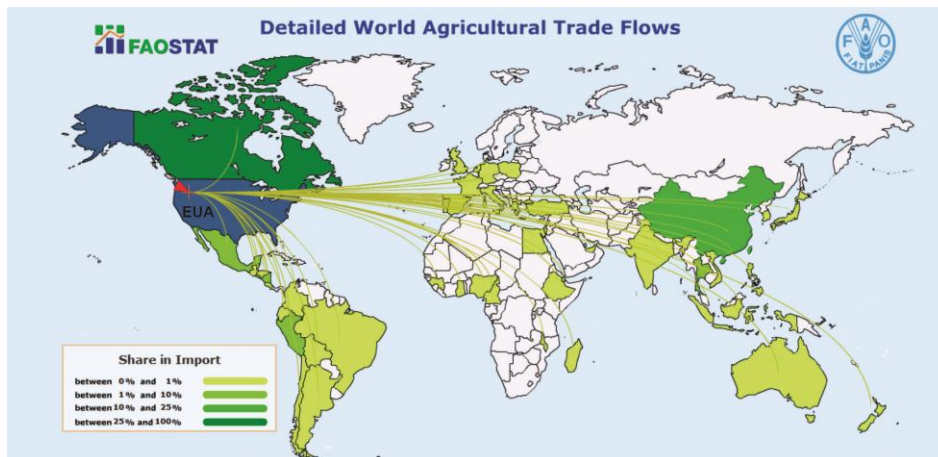


Figura 7 – Principais fornecedores de feijão dos Estados Unidos no ano de 2008.
Fonte: FAO (2011).

De acordo com Chaves (2010) o consumo de feijão nos Estados Unidos apresenta uma tendência de crescimento, em 2004 o consumo ficou em 794.000 toneladas, já em 2007 ficou no patamar de 891.000 toneladas.

4.4. Setor de exportação feijões brasileiro

No setor de exportação foram selecionados três direcionadores, sendo eles: Níveis das relações de mercado, gestão dos negócios e ambiente institucional.

Esses direcionadores foram estruturados a partir do grupo de direcionadores já utilizados por Van Duren, et al. (1991), entretanto, foram adicionados e retirados em alguns subfatores de acordo com a situação de pesquisa encontrada, o que já era previsto, em virtude das especificidades da cadeia estudada.

Relações de mercado

O indicador relações de mercado no setor de exportação foi estruturado com base em seis subfatores: Diferenciação de produtor oriundos da cadeia (QC), Existência de contratos (CF), Nível de concentração (QC), tamanho médio das empresas produtoras e capacitação de produção (QC).

Basicamente não existe diferenciação de produtos oriundos da cadeia exportadora de feijões brasileira, a maior parte do que é exportado é feita com o grão em natura. Isso

estabelece uma situação negativa (-1) para competitividade, mas não é visto como um subfator muito importante pelos entrevistados.

Os entrevistados apontam que é possível se agregar valor aos feijões exportados brasileiros com o processamento industrial, o que significaria aumentar o leque de produtos que compõem a atual pauta de exportação, logicamente atendendo demandas específicas. Entretanto, esse nicho de mercado, segundo os entrevistados, é mais concorrido pelo fato de existir empresas que já realizam esse processamento industrial nos próprios países importadores, essas empresas compram o feijão em grão e realizam o processamento industrial, tendo elas toda uma cadeia já consolidada de fornecedores e compradores, e isso estabelece uma situação concorrencial mais elevada do que a atualmente adotada.

Entende-se que a competitividade das empresas atuantes neste segmento de exportação está diretamente relacionada pela maior ou menor capacidade dessas empresas em adotarem medidas e estruturas de governança que reduzam custos de transação, melhorar a articulação com o setor de produção e estruturar condições de competitividade sistêmica.

Em relação à existência de contratos tem-se uma situação que difere a cadeia exportadora da cadeia voltada para o mercado interno, no mercado interno pouco se nota a presença de contratos formais, existe um elevado nível de informalidade, já na cadeia exportadora os contratos são mais presentes nas fases de negociação entre *trader*-comprador, e quando é o caso de cooperativas fornecedoras, em que os contratos formais são presentes, isso por que o exportador não trabalha exclusivamente com feijões, e sim com vários produtos comuns com a mesma cooperativa fornecedora, neste nível as empresas podem individualmente coordenar estruturas de governança.

Por outro lado, os entrevistados apontaram que contratos diretamente com produtores não são comuns, em muitos casos demandas externas por determinados feijões aparecem e os exportadores tentam procurar alguns produtores que podem atender aquela demanda específica, sendo assim, não existe um contrato previamente firmado. Na cadeia exportadora o subfator existência de contratos recebeu uma avaliação neutra e com um peso de 40%.

A Tabela 6 apresenta os resultados do direcionador relações de mercado do setor de exportação que teve sua condição de competitividade avaliada aproximando do favorável (0,7).

TABELA 06 – Direcionador relações de mercado setor de exportação

DIRECIONADOR	CONTROLABILIDADE	PESO	AValiaÇÃO	QUANTIFICAÇÃO
1			DOS	
SUBFATORES				

Relações de mercado	CF	CG	QC	I	(MF, F, N, D, MD)	(Peso*Avaliação/100)	
Diferenciação de produtos oriundos da cadeia			x		10	-1	-0,1
Existência de contratos	x				40	0	0
Comercialização e distribuição	x				10	1	0,1
Tamanho médio das empresas produtoras			x		10	1	0,1
Capacidade de produção			x		30	2	0,6
TOTAL					100%		0,7

Nota: CF - controlável pela firma; CG - controlável pelo Governo; QC - quase controlável; I - Não controlável; MF - muito favorável; F - favorável; N - neutro; D - desfavorável; MD - muito desfavorável.

Fonte: Resultados da pesquisa

O subfator comercialização e distribuição foi avaliado positivamente, recebeu uma avaliação favorável a condição de competitividade com um peso de 10%, alguns entrevistados informaram que existem algumas dificuldades na comercialização quando a qualidade primário dos grãos não atende as especificações exigidas pelos importadores, ou quando não se tem o produto que apresente tais características.

O tamanho médio das empresas produtoras e a capacidade de produção foram avaliados positivamente, já era esperado que o tamanho médio das empresas produtoras fosse avaliado pelos entrevistados como um fator que contribui para o crescimento da competitividade da cadeia, por outro lado, o fator capacidade de produção recebeu uma avaliação muito favorável, o que não era esperado tendo em vista atual situação em que se tem falta e dificuldade de encontrar grãos exportáveis (situação apontada por alguns entrevistados).

Possivelmente a avaliação desse fator pode ter tido como ponto de partida a capacidade produtiva nacional que é expressiva, entretanto, o fato de não se ter uma produção consolidada de feijões exportáveis (muitos produtores com produções constantes), e existência de poucas cultivares disponíveis que tenham as características exigidas por mercados específicos, são fatores que afetam a capacidade de produção no curto e médio prazo, e analisando a situação momentânea da cadeia a avaliação parece ser superestimada.

Gestão das firmas exportadoras

O indicador gestão das firmas exportadoras foi estruturado a partir de quatro subfatores: Capacitação de mão de obra (QC), eficiência organizacional (CF), Planejamento estratégico (CF) e controle de custo (CF).

Esse direcionador recebeu uma avaliação positiva (0,8), aproximando de uma condição favorável à competitividade, já se esperava que os quatro subfatores selecionados fossem positivamente avaliados.

A Tabela 07 apresenta os resultados desse direcionador e seus subfatores selecionados.

TABELA 07 – Direcionador gestão das firmas exportadoras

DIRECIONADOR 2	CONTROLABILIDADE				PESO	AVALIAÇÃO DOS SUBFATORES (MF, F, N, D, MD)	QUANTIFICAÇÃO (Peso*Avaliação/100)
	CF	CG	QC	I			
Gestão das firmas							
Capacitação de mão de obra			x		20	2	0,4
Uso de ferramentas gerenciais tomada de decisões	x				20	1	0,2
Planejamento estratégico	x				40	0	0
Controle de custo	x				20	1	0,2
TOTAL					100%		0,8

Nota: CF - controlável pela firma; CG - controlável pelo Governo; QC - quase controlável; I - Não controlável; MF - muito favorável; F - favorável; N - neutro; D - desfavorável; MD - muito desfavorável.

Fonte: Resultados da pesquisa

A capacitação da mão de obra é um subfator considerado como quase controlável, por que no caso de empresas exportadoras a mão de obra é mais especializada, e apesar da contratação de funcionários ser da competência da firma, a capacitação inicial desse funcionário depende da qualificação que ele tenha obtido antes de entrar na firma, como formação acadêmica.

Esse subfator foi avaliado como muito favorável por conta do nível de especialidade que as firmas necessitam e não tem problema em encontrar e nem apresentaram problemas quando a treinamento dessa mão de obra. O profissional precisa saber identificar as necessidades por informações, coletar essas informações, analisa-las, comunicar esses resultados e ou tomar as decisões quando cabe a ele toma-las.

O uso de ferramentas gerenciais para tomadas de decisões foi avaliado como favorável, o adequado para empresas do ramo de exportação é que tenham acesso e disponham adequadamente de informações de qualidade sobre o mercado global, e isso exige

sistemas de informação com determinada flexibilidade para poder trabalhar com questões de natureza social, cultura, política e legal.

O planejamento estratégico recebeu um peso elevado de 40% mas uma avaliação neutra, enquanto o controle de custos recebeu uma avaliação favorável.

Ambiente institucional

O indicador ambiente institucional das exportadoras foi estruturado a partir de seis subfatores: Condições macroeconômicas (QC), legislação sanitária e ambiental (CG), inspeção e fiscalização (CG), tributação (CG), comércio internacional (CF) e coordenação dos agentes (QC).

As condições macroeconômicas apresentaram uma avaliação negativa como desfavorável (-1), muito em virtude das questões concorrenciais, as taxas de juros que têm um papel importante no movimento dos preços das moedas no mercado de câmbio, a taxa de juros influencia diretamente os fluxos de investimentos e afetam o valor relativo das moedas em relação às outras, outro fator é a política fiscal e monetária adotada pelo governo.

É apresentado abaixo um panorama relacionado a algumas condições do mercado internacional de feijões destacando os principais países produtores e exportadores, os países consumidores e importadores e os mercados específicos e os tipos de feijões que consomem assim como as características que observam no grão.

O subfator comércio internacional apresentou avaliação favorável (1) à condição de competitividade, existem muitas oportunidades para o Brasil nesses mercados, entretanto, outros subfatores estruturais limitam a entrada do país em muitos mercados (situações analisadas nos itens 4.1 e 4.2)

A Tabela 08 apresenta os resultados do direcionador ambiente institucional e seus subfatores. A condição de competitividade desse direcionador foi classificada como desfavorável (-0,25).

TABELA 08 – Direcionador ambiente institucional exportação

DIRECIONADOR 3	CONTROLABILIDADE				PESO	AVALIAÇÃO DOS SUBFATORES (MF, F, N, D, MD)	QUANTIFICAÇÃO (Peso*Avaliação/100)
	CF	CG	QC	I			
Ambiente institucional							
Condições macroeconômicas					25	-1	-0,25
Legislação sanitária e ambiental		x			20	-1	-0,2

Inspecção e fiscalização		x	5	0	0
Tributação		x	10	1	0,1
Comércio internacional	x	x	20	1	0,2
Coordenação dos agentes			x	10	-1
TOTAL				100%	-0,25

Nota: CF - controlável pela firma; CG - controlável pelo Governo; QC - quase controlável; I - Não controlável; MF - muito favorável; F - favorável; N - neutro; D - desfavorável; MD - muito desfavorável.

Fonte: Resultados da pesquisa

Panorama geral da situação dos indicadores do setor de exportação

Os resultados evidenciaram que o setor de exportação é afetado negativamente pelo indicador ambiente institucional, muito por conta das questões relacionadas ao câmbio, legislação sanitárias e fitossanitárias, e as questões concorrenciais. Era esperado que o indicador gestão fosse mais elevado, mesmo assim apresentou ser um fator positivo juntamente com as relações de mercado à condição de competitividade, mas contrariando as expectativas se aproximou de uma condição favorável (Figura 8).

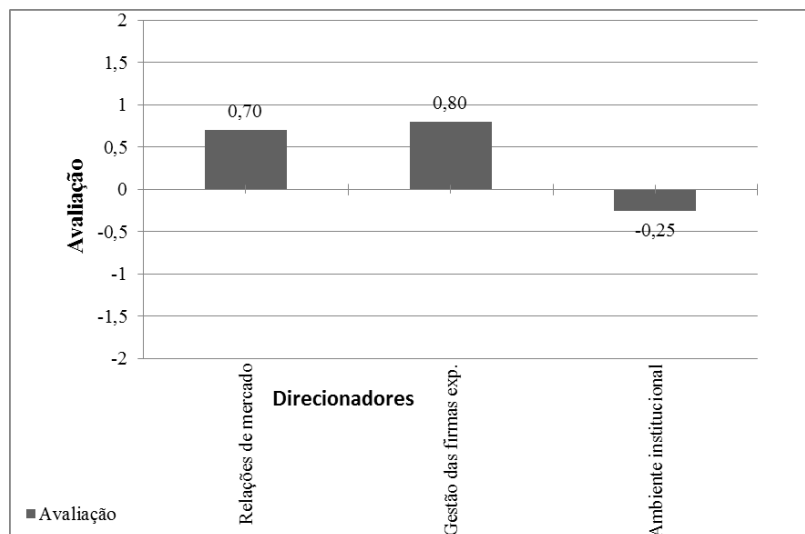


Figura 8 – Resultados dos indicadores do setor de exportação.

Fonte: Resultados da Pesquisa.

5. CONCLUSÃO

As questões macroeconômicas influenciaram negativamente o fator ambiente institucional no setor de exportação, as questões concorrências, o câmbio, foram os fatores de maior impacto. Além disso, as questões sanitárias e fitossanitárias possuem abordagem muito relacionada à análise de risco considerando produto, origem, quantidade e avaliação de

equivalência de sistemas sanitários, sendo esses fatores não controláveis pela firma. Esse subfator apresentou resultados negativos. Entende-se que mesmo que as recomendações sanitárias e fitossanitárias sejam emanadas por órgãos internacionais de referência, dependendo do país de destino o entendimento pode ser próprio e dependente dos acordos bilaterais com o Brasil.

Os resultados dos indicadores do setor de exportação foi 1,25, e a condição geral da competitividade potencial da cadeia exportadora de feijão foi 0,11 aproximando mais de uma condição neutra.

Esses resultados evidenciam que as firmas do setor de exportação estão mais bem preparadas do que as do setor de produção, a própria característica delas permite isso, por outro lado, pode mascarar que o problema logístico afeta toda a cadeia, mas segundo os resultados pesa mais no setor de produção pois a distribuição de lucros não é proporcionalmente distribuída, esses custos logísticos representam maior risco para produtores.

Este estudo tratou de um problema não estruturado, ou seja, não se tinha base de como os fatores e subfatores se relacionavam, assim como o funcionamento da cadeia exportadora de feijão. Considerando os objetivos propostos nesse trabalho, desenvolveu-se uma colaboração para o estudo da cadeia produtiva exportadora de feijões por meio da análise de competitividade potencial realizada.

6. REFERÊNCIAS

AGRICULTURE MARKETING RESOURCE CENTER, AGMRC. Disponível em: <<http://www.agmrc.org/>>. Acesso em: 02 jun. 2011.

BATALHA; M. B.; SILVA, A. L da. *Gerenciamento de Sistemas Agroindustriais*: definições e correntes metodológicas. In: BATALHA, Mário Otávio (Coord.). *Gestão Agroindustrial: GEPAL*. Volume 1, 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2001. Cap. 1, p.23-62.

CHAVES, Michela Okada. *O comércio internacional de feijões : oportunidades e desafios*. Santo Antônio de Goiás : Embrapa Arroz e Feijão, 2010. 47 p. - (Documentos / Embrapa Arroz e Feijão, ISSN 1678-9644 ; 262).

CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. *Produção e área produzida de feijão no Brasil*. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em 10 mai. 2013.

ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture. Economic Research Service. Data sets: food availability: *spreadsheets Legumes - dry edible beans - supply and disappearance*. 2009. Disponível em: <<http://www.ers.usda.gov/Data/FoodConsumption/Spreadsheets/legumes.xls#DryBeans!A1>>. Acesso em: 10

jun. 2010.

FAO. *Food balance sheets*. 2010a. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/site/368/DesktopDefault.aspx?PageID=368#ancor>>. Acesso em: 25 Abr. 2011.

FAO. *Trade*. 2010b. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/site/535/DesktopDefault.aspx?PageID=535#ancor>>. Acesso em: 4 mai. 2011.

GEPTS, P.; DEBOUCK, D. Origin, domestication, and evolution of the common bean. In: SCHOONHOVEN, A. van; VOYSEST, O. (Ed.). *Common beans: research for crop improvement*. Wallingford: CAB; Cali: CIAT, 1991. p. 3-50.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MOLINS FABREGA, 1956 apud GEPS & DEBOUCK, 1991. *El Códice Mendocino y la economía de Tenochtitlán*. Cidade do México D.F., Mexico. 93 p., 1956.

SCHNEIDER, A. V. C. *Overview of the market and consumption of pulses in Europe*. British Journal of Nutrition, Cambridge, v. 88, p. S243-S250, Dec. 2002. Suplemento.

THUNG, M.; AIDAR, H.; SOARES, D. M.; KLUTHCOUSKY, J. Qualidade de grãos de feijão para exportação. Documentos, IAC, Campinas, 85, 2008.

VAN DUREN; LARRY MARTIN; RANDALL WESTGREN. *Assessing the Competitiveness of Canada's Agrifood Industry*. Canadian Journal Agriculture Economics, 1991.

VIEIRA, C. *Cultura do feijão*. Viçosa: Imprensa Universitária, 1978.

VOYSEST, O.; DESSERT, M. Bean cultivars: *classes and commercial seed types*. In: SCHOONHOVEN, A. van; VOYSEST, O. (Ed.). *Common beans: research for crop improvement*. Wallingford: CAB; Cali: CIAT, 1991. p. 119-162.

WANDER, A.E. Perspectivas de mercado interno e externo para o feijão. In: Congresso Nacional de Pesquisa de Feijão (8. : 2005 : Goiânia, GO). Anais para CONAFE, VIII Congresso Nacional de Pesquisa de Feijão, Goiânia, GO, 18 a 20 de outubro de 2005. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão. v.2, p.892-895.

WANDER, A. E.; GAZZOLA, R.; GAZZOLA, J.; RICARDO, T. R.; GARAGORRY, F. L. *Evolução da produção e do mercado mundial do feijão*. In: XLV Congresso da SOBER: Conhecimento para Agricultura do Futuro, Londrina-PR. Anais do XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - Artigos Completos (CD-ROM). Londrina-PR: SOBER, vol. 1, 2007, 18p.

WITTMACK (1880) apud GEPS & DEBOUCK (1991). Untitled. Sitzungsber. Bot. Ver. Prov. Brandenburg 21:176-184, s.d. Dry Edible Beans, Crop Values 2009 Summary, NASS, USDA, 2010.